

## Perspectivas linguísticas e discursivas: diálogos contemporâneos

---

É com grande satisfação que apresento os quatorze artigos que compõem o volume 52, número 3, da revista *Estudos Linguísticos*, do GEL, edição de dezembro de 2023. Essa coletânea oferece uma contribuição significativa ao campo da análise do discurso, da historiografia linguística, da educação, da didática, da política, da gramática, do léxico e da semântica, de modo a explorar uma rica diversidade de temas que dialogam diretamente com questões contemporâneas e pertinentes à área de linguística e literatura.

No texto “Contribuições do léxico de entretenimentos infantis para a delimitação do Falar Paulista: os registros lexicais no caminho dos tropeiros”, Beatriz Aparecida Alencar descreve o léxico de brinquedos e de brincadeiras infantis no estado de São Paulo, com foco no falar paulista. Quando utiliza dados do Projeto ALiB, o estudo aborda as denominações registradas em regiões próximas ao caminho dos tropeiros, de maneira a considerá-las aspectos dialetais. Baseia-se na dialetologia, na geolinguística e nos estudos do léxico para caracterizar a subárea linguística. Além disso, relaciona o léxico à história social das localidades e às denominações geográficas documentadas.

Por sua vez, no artigo “Metadiscursividade e memória: dentro das quatro linhas da instituição”, de Bruna Atalla, analisa-se — pelo viés da análise do discurso francesa — expressões metadiscursivas em textos jornalísticos relacionados à contratação e à renúncia de Cuca como técnico do Corinthians, marcada por uma condenação por violência sexual em 1987. O objetivo é explorar as relações interdiscursivas entre as instituições “futebol brasileiro” e “jornalismo”, ambas inseridas no território simbólico da realidade brasileira. Os resultados apontam para uma predominância da representação do jogador brasileiro como símbolo do “futebol-arte”, em contraste com o “futebol-força”.

Ainda na perspectiva da análise do discurso, Thaisa Pinheiro Carvalho e Luzmara Curcino, em “Visões sobre a guerra: *ethé* discursivos e cenas de enunciação no filme documentário ‘Eu era um soldado’”, analisam o documentário *Eu era um soldado* (1971), de Kieslowski e de Titkow, que apresenta relatos de cinco ex-combatentes poloneses cegos durante a Segunda Guerra Mundial. Os depoimentos abordam as adversidades enfrentadas, a superação do trauma da cegueira e as opiniões sobre guerras. A pesquisa foca nos *ethé* discursivos, nas cenas de enunciação e no discurso cinematográfico, quando se fundamenta em Maingueneau (*ethos* discursivo), em Xavier (discurso cinematográfico) e em Plantinga (gênero documentário). Conclui-se que a interação entre os *ethé* discursivos e as cenas de enunciação resultou em um poderoso discurso antiguerra.

Júlia Maria das Dores Duarte e Luana Lopes Amaral, em “Os Verbos de Atitude Proposicional Epistêmica em Construções Oracionais Completivas do PB: uma proposta

construcional”, exploram a expressão da atitude proposicional epistêmica de crença no português brasileiro por meio da relação entre os *complement-taking predicates* (verbos como acreditar, achar, chutar) e a construção oracional completiva (por exemplo, “Ela chutou que o resultado seria um a zero”). Após a análise de 35 verbos, concluem, com base em Croft (2022), que apenas verbos que denotam incerteza futura expressam essa atitude epistêmica e que somente quando inseridos na construção completiva. Fora desse contexto, como em “Ele chutou a bola”, o sentido epistêmico é ausente. O estudo evidencia a interação entre a construção oracional e o papel semântico do verbo.

A linguística popular está aqui representada por “Os não-linguistas e a mobilização de práticas emancipatórias nas discursividades contemporâneas”, de Livia Falconi e de Ligia Menossi. Este trabalho aborda a linguística popular no Brasil, inspirada nos estudos de Niedzielski, Preston, Paveau e Baronas, que destacam práticas linguísticas de não-linguistas em ambientes digitais. Propõe-se uma tipologia específica para práticas emancipatórias que priorizam questões éticas sobre estéticas, com base em um *corpus* selecionado. O trabalho analisa como essas práticas influenciam discursos alheios, especialmente na utilização ou na rejeição de determinados léxicos. Por meio de um diálogo entre linguística popular e análise de discurso francesa, busca-se compreender o impacto dessas práticas na reconfiguração linguística nas interações cotidianas.

Na sequência, em “O emprego do lheísmo em textos escritos por brasileiros no século XIX”, Alba Verôna Brito Gibrail discute o uso do lheísmo em textos escritos por brasileiros no século XIX, com base no *corpus* Tycho Brahe, especificamente em “Cartas Brasileiras para vários destinatários” e em “Atas dos Brasileiros”. A pesquisa identifica o clítico *lhe* nos paradigmas 2SG e 3SG, com maior frequência após 1850, especialmente com o pronome você. O fenômeno é interpretado como uma manifestação da marcação diferencial do objeto (MDO) em objetos pronominais, alinhada às propostas de Bossong (1991) e às análises de Flores e de Melis (2007) e Oliveira (2003) sobre o lheísmo no português e no espanhol.

Em novo artigo sobre linguística popular, “Seria a Linguística popular não hegemônica?”, Marcelo Rocha Barros Gonçalves e Roberto Leiser Baronas refletem sobre a linguística popular como prática contra-hegemônica nas ciências da linguagem no contexto brasileiro. Analisam dados produzidos por linguistas populares sobre o acontecimento discursivo “Pelé no dicionário” e abordam questões de descolonização dos saberes linguísticos. A partir da análise teórica e empírica, concluem que a linguística popular pode ser considerada uma prática não hegemônica. Propõem, ainda, uma ampliação do olhar sobre os saberes metalinguísticos construídos fora da academia.

Já no artigo “Sequência didática no Ensino Superior: a progressão das práticas de linguagem com base em gêneros textuais”, de Marta Aparecida Broietti Henrique, encontra-se um relato detalhado das etapas de uma pesquisa fundamentada no interacionismo sociodiscursivo de Jean-Paul Bronckart e no Grupo de Didática de Línguas de Genebra, aplicada em sala de aula. Apresenta a construção e a aplicação de ferramentas didáticas

em torno dos gêneros crônica argumentativa e resenha crítica, de maneira a utilizar seqüências didáticas integradas pelo método da pesquisa-ação. A pesquisa, realizada com uma turma de pedagogia, demonstra que projetos didáticos integrados são eficazes para desenvolver práticas de linguagem com múltiplos gêneros. O artigo reforça a necessidade de tais abordagens para enriquecer o ensino de línguas.

Alterada a abordagem para historiografia da linguística, Raquel do Nascimento Marques, em “A sintaxe em gramáticas filosóficas portuguesas: o caso do complemento”, analisa a concepção de complemento em gramáticas filosóficas portuguesas do século XIX (Souza, 1804; Melo, 1818; Barbosa, 1822), destacando as influências e as adaptações das ideias de Nicolas Beauzée (*Grammaire générale*, 1767). Com base na história das ideias linguísticas, investiga-se a diferença temporal e conceitual entre as tradições portuguesa e francesa, na qual o termo “complemento” foi introduzido em 1747. Barbosa combina as noções de regência e de complemento segundo Beauzée, enquanto Souza e Melo vinculam o conceito à dependência, sem aderir à ideia de regência. O estudo evidencia a reelaboração das ideias francesas no contexto português, quando reflete adaptações às especificidades linguísticas e históricas.

Myllena Nascimento e Carlos Piovezani, em “A trollagem na política brasileira: efeitos de humor no discurso da extrema direita sobre a comunidade LGBTQIA+”, analisam a trollagem no discurso político da extrema direita brasileira direcionado à comunidade LGBTQIA+, que tem como objeto um pronunciamento do deputado federal Nikolas Ferreira, em 8 de março de 2023. Investigam, ainda, o limiar entre humor e discurso de ódio, além da circulação digital, para identificar, categorizar e interpretar propriedades dessa prática, seus efeitos e seus afetos. Exploram, também, mutações discursivas que a trollagem promove no discurso de ódio político. Fundamentam-se na análise do discurso de linha francesa e no pensamento de Michel Foucault sobre a ordem do discurso.

A análise dialógica do discurso bakhtiniana também está presente neste tomo com o trabalho “Análise dialógica de um enunciado de Poetry Slam: ‘Coisa de Clayton’, de Tawane Theodoro”, de Simony Alves de Oliveira e de Renata Coelho Marchezan. Neste texto, as autoras analisam o poema “Coisa de Clayton”, de Tawane Theodoro, vencedor do Slam da Guilhermina em 2018, sob a perspectiva bakhtiniana. Examinam as vozes e os valores que emergem no enunciado e como eles configuram o Poetry Slam no Brasil. A análise revela um discurso periférico que aborda a luta antirracista, dialoga com a cultura *hip-hop* e brasileira e reflete o contexto do “aqui-agora”. O eu declamador dirige-se tanto à própria comunidade quanto a um antagonista, a fim de reforçar um discurso de resistência e de pertencimento.

Por outro prisma, Lilian Coelho Pires e Heloísa Lima Salles, em “A anáfora de 3ª pessoa em esfera escolar: clítico acusativo, pronome pleno, nulo e NPs plenos”, analisam o uso da anáfora pronominal de 3ª pessoa na aquisição da escrita por estudantes de diferentes níveis de ensino, com base na hipótese de que a escrita padrão do português brasileiro (PB) é adquirida como uma segunda língua (L2). Utilizam a técnica de produção eliciada,

investigam a influência do português oral (L1) e a ocorrência de clíticos em contextos sintáticos não disponíveis no *input* escrito ou oral. Os resultados indicam transferência de propriedades da L1 no estágio inicial e padrões distintos no uso de clíticos em textos formais narrativo-descritivos.

Por penúltimo, nesta série de artigos, Bruna Soares Polachini, em “O engenho didático na gramática brasileira oitocentista”, analisa 26 gramáticas brasileiras do século XIX voltadas ao ensino da língua portuguesa, a fim de destacar suas estratégias pedagógicas. Examina os objetivos declarados nos prólogos e os recursos didáticos empregados, como poesia, diálogos, sínteses de conteúdo, método intuitivo, organização em lições e exercícios de análise linguística. A pesquisa evidencia a inventividade didática presente nessas obras, que se articulavam com práticas de sala de aula. O estudo oferece um panorama das abordagens pedagógicas das gramáticas oitocentistas, de modo a enfatizar sua relevância histórica e educativa.

No encerramento da sequência de artigos, encontra-se “Caracterização do contexto escolar de uma comunidade surda do interior paulista: subsídios para práticas pedagógicas e políticas públicas”, de Cássio Florêncio Rubio. Neste estudo, o autor caracteriza o contexto escolar da comunidade surda em São Carlos (SP) com base em 30 inquéritos analisados sob os pressupostos da sociolinguística das línguas de sinais e dos estudos surdos. Os resultados mostram que parte da comunidade tem acesso parcial ou total ao ensino bilíngue, enquanto outra parte não tem acesso à língua de sinais. A análise por faixa etária indica um processo gradual de mudança, quando reflete avanços em políticas públicas que prometem maior acessibilidade escolar no futuro.

Esses trabalhos, organizados pelo sobrenome do autor (ou do primeiro autor), celebram a riqueza e a profundidade das pesquisas em linguística no estado de São Paulo. Ao reunir-se uma coleção refinada de artigos, esse número explora temas essenciais e contemporâneos que dialogam diretamente com os interesses do campo acadêmico. Sob uma curadoria criteriosa dos pareceristas e do corpo editorial, cada estudo transcende abordagens convencionais, a fim de revelar nuances que entrelaçam tradição e inovação.

Mais uma vez, manifesto minha gratidão à equipe da Letraria e a todos os colaboradores dedicados, com um agradecimento especial a Milton Bortoleto pelo valioso suporte editorial, aos autores e aos pareceristas, cujo empenho e comprometimento garantem a continuidade deste projeto científico, mesmo em tempos desafiadores. Que esta edição proporcione uma experiência enriquecedora a todos os leitores!

Com apreço, Marcelo Módolo,

Editor (com grande satisfação!), revista *Estudos Linguísticos*, do GEL.